



UM RIO DE HISTÓRIAS

A river of histories

Cabral, L. A. S.¹; Amâncio, C. O. G.²; Fernandez, A. C. F.³; Amâncio, R.⁴; Souza, N. A.⁵; Gollo, A. M. L.⁶; Napoli, E. D.⁷; Motta, S. D.⁸; Franch, J. L.⁹; Mattos, C.¹⁰; Martins, V. R. S.¹¹; Martins, A. H.¹²; Oliveira, F. J. R.¹³; Risso, I. A. M.¹⁴; Caldas, L.¹⁵; Palm, J. L.¹⁶; Barbosa, T. M.¹⁷; Santos, D. S.¹⁸; Batista, N. M.¹⁹; Almeida, M. V. F.²⁰; Santana, B. S.²¹; Nazário, R. S.²²; Sarmiento, B. O.²³; Amaral, Y. N.²⁴; Farias, G. O.²⁵; Lemos, T. B.²⁶; Barbosa, D. S.²⁷ e Moreira, R. P.²⁸.

RESUMO

Este artigo apresenta experiências agroecológicas do estado do Rio de Janeiro, a partir da interação entre o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Científica e Tecnológica em Agroecologia da UFRRJ (NIA-UFRRJ) e a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), aqui representadas pelo caso da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro (RJ). Para a síntese das narrativas dos atores envolvidos realizamos entrevistas, registro em vídeos e facilitação gráfica tanto no período preparatório, quanto durante a Caravana RJ. Como reflexão de fundo destacam-se: a visibilidade para as denúncias, as lutas dos territórios e os anúncios das alternativas que estão sendo semeadas; além da articulação em rede entre diversos atores, prezando pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão para fortalecer a AARJ. Por fim, apresentamos algumas lições apreendidas, os enraizamentos desta experiência e os desafios postos para o fluxo do rio daqui para frente.

Palavras-chave: Sistematização de Experiências, Agroecologia, Redes Sociotécnicas.

ABSTRACT

This paper presents agroecological experiences from the state of Rio de Janeiro, based on the interaction between the Interdisciplinary Nucleus of Research and Scientific and Technological Extension in Agroecology of UFRRJ (NIA-UFRRJ) and the Articulation of Agroecology of Rio de Janeiro (AARJ), here represented by the case of the Agroecological and Cultural Caravan of Rio de Janeiro (RJ). For the synthesis of the narratives of the actors involved, we conducted interviews, video recordings and graphic facilitation both in the preparatory period and during the Caravana RJ. As a fundamental reflection, the following stand out: the visibility for the denunciations, the struggles of the territories and the announcements of the alternatives that are being sown; in addition to networking among various actors, emphasizing the indissociability between teaching, research and extension to strengthen the AARJ. Finally, we present some lessons learned, the roots of this experience and the challenges put to the flow of the river going forward.

Keywords: Systematization of experiences, Agroecology, Sociotechnical Networks.

¹ Doutoranda pelo CPDA/UFRRJ –

NIA/UFRRJ. E-mail:

larissacabralufrrj@gmail.com;

² Embrapa Agrobiologia – NIA/UFRRJ. E-mail:

cristhiane.amancio@embrapa.br;

³ Professor(a) DCS-ICHS/UFRRJ –

NIA/UFRRJ. E-mail:

annelisecff@yahoo.com.br;

⁴ E-mail: robson.amancio@uol.com.br;

⁵ Mestra pelo CPDA-UFRRJ. E-mail:

natalia.almsouza@gmail.com;

⁶ AARJ. E-mail: alexmgollo@yahoo.com.br;

⁷ AARJ. E-mail: eduardo.dinapoli@gmail.com;

⁸ Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu. E-

mail: simonedm@terra.com.br;

⁹ Centro Tiê de Agroecologia. E-mail:

jaimelf@terra.com.br;

¹⁰ AARJ. E-mail: claudemar@aspta.org.br;

¹¹ CPT-AARJ. E-mail:

vivianeramiro@gmail.com;

¹² CPT-AARJ. E-mail:

martinsalcimaro@gmail.com;

¹³ OTSS/Fiocruz. E-mail:

fabio_reis27@yahoo.com.br;

¹⁴ Embrapa Agrobiologia – NIA/UFRRJ. E-mail:

ilzo.risso@embrapa.br;

¹⁵ Casa dos Saberes – AARJ. E-mail:

liaccaldas@gmail.com;

¹⁶ Doutorando pelo CPDA/UFRRJ;

¹⁷ Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu.

E-mail: michelinibarbosa@yahoo.com.br;

¹⁸ Agricultora – AARJ. E-mail:

nia.ufrrj@gmail.com;

¹⁹ Agricultora – AARJ. E-mail:

nia.ufrrj@gmail.com;

²⁰ Fórum de Comunidades Tradicionais –

AARJ. E-mail:

marcosviniciusquilombola@hotmail.com;

²¹ Graduanda em agronomia pela UFRRJ –

NIA/UFRRJ. E-mail:

biancas.santana@yahoo.com.br;

²² Graduando em Engenharia Florestal pela

UFRRJ – NIA/UFRRJ. E-mail:

renaza12@hotmail.com;

²³ Graduanda em Engenharia Agrícola pela

UFF – MAE/UFF. E-mail:

biancaoliver@hotmail.com;

²⁴ Graduando em Ciência Ambiental pela UFF

– MAE/UFF. E-mail: ynamaral@jd.uff.com;

²⁵ MAE/UFF. E-mail: bi.olivergof@gmail.com;

²⁶ Graduanda em Engenharia Ambiental pela

UFF – MAE/UFF. E-mail:

teulemos@gmail.com;

²⁷ Graduando em Engenharia Ambiental pela

UFF – MAE/UFF. E-mail:

davidbarbosa@jd.uff.br;

²⁸ Mestrando pelo PPGCAF-UFRRJ –

NIA/UFRRJ. E-mail:

ramon_pittizer@hotmail.com

Recebido em:

15/08/2017

Aceito para publicação em:

04/05/2018

Correspondência para:

larissacabralufrrj@gmail.com

O refazer coletivo da experiência: olhar, silenciar, imaginar, recriar e significar

...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica
Nem com balança nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida
Pelo encantamento que a coisa produz em nós.

Manoel de Barros

O Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Científica e Tecnológica em Agroecologia (NIA-UFRRJ), desde 2013, se esforça para dar visibilidade às experiências representativas do movimento agroecológico do Estado do Rio de Janeiro mediados pela Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ). Ao longo deste processo, várias estratégias foram sendo experimentadas considerando as peculiaridades e especificidades dos territórios e suas territorialidades, às vezes, com foco em diagnósticos, outros em organização de informações, algumas vezes, também, na (re)mobilização das bases locais.

Com isso, nosso esforço maior recaía no fazer, no apoiar a fazer e pouco na síntese redigida destes processos. Sempre que nos provocávamos a refletir sobre nossa caminhada, outra novidade nos puxava para outro caminhar e tirar nossas lições aprendidas ia ficando para trás, não por menos importância, mas pela intensidade da nossa imersão. Com a oportunidade que nos foi apresentada na provocação da pergunta “vamos sistematizar juntos nossa experiência?”, identificamos nossas fortalezas e desafios a serem superados, bem como os aprendizados extraídos, vislumbrando a continuidade do nosso Núcleo. Além disso, a sistematização fortaleceu nossos vínculos, ampliando nossas redes e resignificando nossa identidade, enquanto espaço de vivência da agroecologia desde o lugar em que estamos.

Apesar do receio de não dar conta, dado o esvaziamento do Núcleo com o fim do financiamento externo dos projetos, aceitamos o desafio, e foi a partir da nossa oficina de sistematização que nos surpreendemos com um rio cheio de histórias, cheio de vida, protegido por uma mata ciliar em adensamento e resistente que ajudou a manter o curso da água mesmo nos períodos de seca. Um rio sobre o qual navegamos hoje. A metáfora do rio, que retrataremos aqui, diz respeito à proposta do método trabalhado na oficina de sistematização de experiências do NIA-UFRRJ, realizada entre os dias 13 e 14 de junho de 2017.

Essa oficina é fruto das atividades do projeto “Sistematização de experiências: construção e socialização de conhecimentos – o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras”, financiado pelo CNPq, em 2015, por meio do acordo entre Ministério do Desenvolvimento Agrário e a Associação Brasileira de Agroecologia (MDA/ABA Agroecologia). Essa dinâmica foi feliz ao despertar lembranças, ressignificar eventos e valorizar seus protagonistas, num processo de refazer coletivo da nossa história. Nesses dois dias, reconhecemos o caminho percorrido pelo rio, a chegada dos afluentes, as matas ciliares que cuidaram deste percurso, assim como as fases de enchente, seca e assoreamento.

Imergindo na (re)construção coletiva da história do NIA-UFRRJ, percebemos que nossa história não é só nossa, das instituições que a compõem, ousamos dizer que, hoje, ela é maior, muitas vezes confundido a nós mesmos com os papéis assumidos e desempenhados. Foi possível perceber que, de alguma forma, os caminhos traçados pela agroecologia no estado ajudaram a nos construirmos enquanto Núcleo. Assim, a narrativa que se segue não é a sistematização de uma experiência, um caso pontual de uma intervenção que nosso Núcleo proporcionou, mas é a sistematização de um processo organizativo, da parceira, ou mesmo do imbricamento e do fortalecimento de uma rede, a AARJ.

A parceria entre o NIA-UFRRJ e a AARJ possibilitou, nos últimos quatro anos, rotas de intercâmbios para vivências em ambientes de interação agroecológicas, envolvendo jovens do Colégio Técnico da UFRJ (CTUR) e jovens da região Serrana Fluminense atendidos pelo Ponto de Cultura Rural, análise econômica e ecológica de agroecossistemas, cursos de formação, e outros. Dentre tantas

experiências vivenciadas por esta Rede, uma, em especial, caracterizou nossa articulação, a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, evento de extensão realizado entre os dias 24 a 28 de novembro de 2015 no estado fluminense.

A Caravana RJ foi fruto da parceria entre o projeto Ambientes de Interação Agroecológica, coordenado pelo NIA-UFRRJ, e o Comboio Agroecológico do Sudeste (Rede de Núcleos de Agroecologia – R-NEAs), financiado, também, pelo Edital 81/2016 do CNPq e coordenado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O projeto R-NEAs teve como um dos objetivos fomentar momentos de interação, visibilidade e reflexão sobre as expressões agroecológicas nos quatro estados da região sudeste. Esses momentos se concretizaram em caravanas e excursões científicas, os quais proporcionaram intercâmbio entre os mais diversos atores da agroecologia nos territórios por onde o Comboio passou.

Ao olhar para a agroecologia do Rio de Janeiro, vemos que a nascente deste rio de vidas tem origens em momentos mais distantes, alguns olhos d'água nos originaram. Durante a oficina de sistematização, ela aparece ainda em 2002, rememorada nas lembranças da fase de estudante de um técnico presente ao organizar o 1º Encontro Nacional de Agroecologia (1ª ENA) e, também, no nascimento da AARJ em 2006. Porém, toma corpo mesmo a partir da participação de alguns professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em reuniões da AARJ. Desse processo, consolidou-se uma proposta de trabalho conjunto, que culminou no projeto coletivo “Ambientes de Interação Agroecológica”, bem como na adesão ao projeto da rede de núcleos de agroecologia, submetido para o mesmo edital. Assim, a construção da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro tem seu embrião em 2013, com a aprovação destes projetos.

Tendo em vista os limites impostos pela escrita sintética de um artigo e sem esquecer marcos tão importantes, nosso barco parte, então, das atividades de construção coletiva da Caravana RJ, a partir do processo de sua construção, iniciado em junho de 2015. Para sistematizar esta experiência, tomamos como eixo norteador quatro etapas: a organização prévia, a culminância das rotas, a realização do Seminário Estadual de Agroecologia e o almoço agroecológico, atividade de encerramento.

É importante dizer que esse acúmulo de trajetórias apresentadas, metodologias as quais foram lançadas mão, princípios de compartilhamento e cocriação, além de ferramentas de comunicação, são os esteios que permitiram a realização da Caravana RJ e que podem ser reconstituídos em diversas formas de registro oral e escrito dos muitos atores que construíram essa história (cf. CABRAL, 2016; GOLLO et al., 2016; CABRAL e AMÂNCIO, 2016; ROCHA, 2017), incluindo os depoimentos, as sistematizações e relatorias. Nesse sentido, são marcas do processo de transformação territorial viabilizado pelo movimento, pela ciência e pela prática da agroecologia. Juntos, constituem os alicerces para fomentar novas experiências.

Revisitar os materiais produzidos, escutar as vozes que foram parte da construção e refletir sobre a importância da Caravana Agroecológica e Cultural do RJ para a história da agroecologia no estado fluminense provocou, sobretudo, encantamento em todos nós. Por isso, agora ela é aqui recontada.

Caminhos metodológicos

Num intervalo de quinze anos ou mais, a Caravana RJ foi a expressão da experiência do NIA-UFRRJ mais lembrada por todos os participantes da oficina de sistematização. Seja por terem se inserido em atividades anteriores, tornando-a possível, ou mesmo em processos posteriores desencadeados por ela. Assim, numa compreensão coletiva sobre o encantamento que essa experiência provocou em todos nós, deu-se início o processo de sistematização.

Nesse ponto, é importante considerar que isso não significa que a Caravana RJ seja a atividade mais significativa para a agroecologia do Rio de Janeiro, como se houvesse uma escala hierárquica entre

as atividades mais ou menos relevantes. Mas, foi ela a que melhor traduziu a identidade dos sujeitos ali presentes, enquanto coletivo da rede que compõe o Núcleo. O NIA-UFRRJ tem sua fala externada de vários lugares e de várias formas.

Uma experiência está marcada fundamentalmente pelas características de seus protagonistas: os homens e as mulheres que as vivenciam. Portanto, as pessoas vivem as experiências com expectativas, sonhos, temores, esperanças, ilusões, ideias e intuições. Somos nós que fazemos com que ocorram estes processos complexos e dinâmicos e, eles por sua vez, nos marcam, nos impactam, nos condicionam, nos fazem ser (JARA, 2012, p. 74).

Ou seja, a experiência pessoal está vinculada à experiência coletiva, a qual é influenciada pela temporalidade e pelo momento histórico em que vivem os que a narram.

Após a escolha pela experiência a ser sistematizada, na própria oficina de sistematização dedicamos um momento à colheita de ideais sobre por onde começar, que fatos registrar, como organizar a narrativa, quem seriam os sujeitos que poderiam nos ajudar a reconstruir esta experiência, quais produtos materiais e imateriais nos amparam, que reflexões a experiência nos permite, entre outras. Ademais, foi feita uma divisão de tarefas entre quem faria a coleta e organização dos dados, quem entraria em contato com os sujeitos-chave e quem organizaria as ideias na forma deste texto. Esse pontapé inicial foi muito importante, pois ele fez com que esse processo de escrita, geralmente tão solitário, pudesse ter sido compartilhado, fazendo com que a sistematização ficasse menos penosa.

Nesse sentido, estivemos atentas à essência da sistematização de experiências, tal como aborda Jara (2012):

A sistematização de experiências é um exercício intencionado que visa a penetrar na trama “próxima complexa” da experiência e recriar seus saberes mediante um exercício interpretativo de teorização e de apropriação consciente do vivido. Requer um empenho de “curiosidade epistemológica” e supõe “rigor metódico” para converter o saber que provém da experiência, por meio da problematização, em um saber crítico, em um conhecimento mais profundo (JARA, 2012, p. 75-76).

Para desenvolver a narrativa, tomamos como referência a abordagem qualitativa, pois ela permite aprofundar-se na compreensão das relações que envolvem a experiência a ser sistematizada.

A escolha desse caminho metodológico vai ao encontro de nosso lugar de fala. Fazemos esta narrativa em primeira pessoa do plural, porque, ao mesmo tempo em que a analisamos, somos parte do processo narrado. Sobre isso, Demo (2012) alerta que as pesquisas qualitativas são feitas com observação participante ao processo. Para o autor, este tipo de metodologia

(...) implica participar, entrar no processo, adquirir familiaridade pelo menos, chegar a ser ator para poder sentir a empreitada comunitária como sua também. Somente assim emerge o dado curtido, que não é dado, é depoimento, é proposta, é reivindicação (DEMO, 2012, p. 246).

Não pretendemos expressar, aqui, uma verdade cristalizada, mas sim abrir uma possibilidade de interpretação da realidade fluminense a partir das vozes dos sujeitos que constroem e vivem a agroecologia no estado. Diante disso, a metodologia adotada buscou enfatizar a “interpretação em contexto”, ou seja, mesmo partindo de pressupostos que orientaram a coleta inicial de dados, estivemos atentas a elementos que pudessem emergir como importantes durante a escrita (LÜDKE e ANDRE, 1986).

Para respaldar a narrativa, inicialmente foram feitas leituras de documentos de fontes primárias e secundárias sobre a criação e institucionalização NIA-UFRRJ, como por exemplo, a Chamada 81/2013, o Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste e o Projeto Ambiente de Interações

Agroecológicas. A partir disso, buscamos fontes que nos permitiram identificar como o processo de construção e desdobramentos da Caravana RJ ocorreu. Dentre os quais, se destacam o Caderno do Participante, as relatorias produzidas nas reuniões de construção da Caravana RJ, os materiais de divulgação (releases, redes sociais, vídeos, e outros).

Como instrumento de coleta das impressões dos atores envolvidos foram realizadas entrevistas, bem como registrados em vídeos os depoimentos durante a Caravana RJ, para a produção da narrativa. Além desses instrumentos de pesquisa, o próprio envolvimento e participação das autoras também foram fundamentais para a análise sobre o processo. Assim, com o encerramento metodológico desta narrativa, utilizamos esses instrumentos para refletir sobre a importância da referida Caravana para a agroecologia no estado do Rio de Janeiro.

As reflexões de fundo: agroecologia no RJ existe, resiste e alimenta

Mesmo com pouca extensão territorial, que coloca o Rio de Janeiro como terceiro menor estado da Federação, ficando à frente somente de Alagoas e Sergipe, o estado fluminense apresenta a maior densidade demográfica do país. A indústria é o carro-chefe da economia no estado e a agricultura é considerada um setor de importância secundária. Contudo, os dados do censo agropecuário de 2006, realizado pelo IBGE, mostraram que a agricultura familiar está presente no estado.

De acordo com o Censo (IBGE, 2010), são 44.145 estabelecimentos que representam 75% do total das propriedades rurais. Os estabelecimentos familiares fluminenses são responsáveis pela produção da maior parte da produção agrícola do estado. Ao escolher como tema central “Existe Agricultura no Rio de Janeiro!”, a Caravana RJ se desafiou a traçar olhares sobre todo o estado e a investigar os desafios e potencialidades da agroecologia vivenciados em diferentes contextos de vida e produção no último período.

Apesar dos avanços na conquista de algumas políticas e programas, como por exemplo, o acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar (PRONAF), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e afins, o Rio de Janeiro permanece com baixos investimentos no campo da agricultura familiar, o que fomenta sua invisibilidade e ameaça as suas práticas agrícolas. Além disso, o estado assiste a diversos e intensos impactos e violações dos direitos das agricultoras e agricultores.

Dessa maneira, buscando fortalecer as diferentes iniciativas agroecológicas, as regiões fluminenses abriram suas rotas para mostrar que a agricultura familiar do Rio de Janeiro não só existe, como também, resiste e alimenta. A Caravana RJ teve como objetivo mostrar os desafios da agroecologia e os caminhos para a transição agroecológica no estado do Rio de Janeiro, comunicando as denúncias e, ao mesmo tempo, anunciando as fontes das resistências e das experiências que se acumulam em nossas trajetórias de lutas, mas, também, de festas e conquistas.

Neste sentido, a Região Norte fluminense mostrou as contradições causadas pelo latifúndio e a monocultura de cana-de-açúcar que, durante décadas, se sobrepôs a outras formas de produção nessa região, a qual concentra o maior número de Assentamentos de Reforma Agrária do estado. Ademais, a Caravana RJ foi um importante canal de denúncia para os impactos causados pelo porto do Açú, maior empreendimento minero-portuário do mundo, um conflito que já se estende por quase dez anos, sendo considerado o maior conflito agrário da história recente do nosso país, desapropriando uma área de 7.036 hectares. Como relata Dona Noêmia, agricultora atingida pelo porto do Açú, durante a passada da Caravana, em novembro de 2015:

Estamos no sítio do Birica, no 5º Distrito de São João da Barra. Sou uma das pessoas atingidas pelo Porto do Açú. Depois de quase cinco anos nessa luta, nessa incerteza. Depois dos meus irmãos agricultores serem desalojados, despejados de suas casas e

suas terras, o que a gente tem visto são casas demolidas e nada resolvido. Os agricultores ainda não receberam. A maioria não recebeu ainda a indenização. Não tem como viver, não tem a terra pra plantar. E, quando você olha dá uma dor muito grande no coração, porque nada foi feito nessas terras, que violentamente foram retiradas dos pequenos agricultores (Dona Noêmia, agricultora, Região Norte do estado do RJ).

Se na Região Norte a luta é contra os empreendimentos da mineração, na região Serrana e Serra Mar, a Caravana Agroecológica e Cultural do RJ alarmou para o crescente índice no uso de agrotóxicos, que já causaram diversas mortes por intoxicação. Mas, ao mesmo tempo, anunciou as diversas iniciativas de resistência e transição agroecológica que vêm ocorrendo.

Na Região Costa Verde, por sua vez, apesar de geograficamente longe da Região Norte, os problemas são bem parecidos. A região sofre intenso processo de especulação imobiliária e de expulsão das comunidades tradicionais das suas terras. A relação entre os territórios tradicionais e as unidades de conservação, também, é um tema atual e promotor de distintos conflitos, principalmente com as unidades de conservação de proteção integral, as quais, pelas suas atribuições e regulamentações, inibem práticas tradicionais de uso dos recursos naturais nos territórios.

Como sustentação de fundo, a Caravana RJ cumpriu um importante papel de expor as diferentes realidades nas regiões do estado fluminense, mostrando os impactos da agricultura convencional e dos grandes projetos, sejam de conservação ou de mineração. Projetos esses, que influenciam negativamente na forma de viver dos territórios, criminalizando os protagonistas da agricultura familiar, do manejo florestal, do artesanato tradicional e da pesca artesanal, os assentados da reforma agrária, e demais, criminalizando, assim, as formas de relação ser humano-natureza, que já aconteciam anteriormente à implementação de tais empreendimentos.

Mas, simultaneamente, anunciou as expressões de resistência que acontecem nos quatro cantos do estado e que puderam, por meio dessa importante experiência, se (re)conectar e fortalecer a luta, pautando um outro modelo de produção e de relação entre as pessoas. Dentre as experiências, destacam-se o protagonismo das mulheres na produção agroecológica e na organização comunitária na Região Norte, as experiências dos guardiões de sementes e de feiras agroecológicas na Região Serrana e Serra Mar, bem como o protagonismo da juventude e da valorização da cultura dos povos tradicionais na Região Costa Verde, por meio do jongo, da capoeira ou, ainda, da alimentação quilombola.

Sobre a importância da Caravana RJ para a visibilidade das iniciativas de resistência, Lia Caldas, da comissão organizadora da Caravana RJ na Região Serrana, comenta que:

Foi uma alegria muito grande receber a caravana agroecológica em São Pedro da Serra. É uma coisa que a gente sempre quis muito, né, porque incentiva essa troca de experiências, de conhecimento, de saberes. Enfim, a gente precisa disso, a gente se nutre disso também. Acho que é muito importante a gente estar sempre juntando essas iniciativas boas, que buscam uma maior sustentabilidade, novas técnicas, ou resgate de técnicas antigas. Mas, que mostram que a gente não precisa conviver com tanto veneno, que podemos conviver com mais solidariedade, com mais união, com mais fraternidade (Lia Caldas, Casa dos Saberes, São Pedro da Serra, Região Serrana do estado do RJ, 2016).

A percepção de Lia foi compartilhada por muitos outros atores que construíram a Caravana Agroecológica e Cultural do RJ e que constroem, cotidianamente, a agroecologia no estado fluminense. Assim como reflexão de fundo da experiência aqui sistematizada destaca-se: a) a visibilidade para as denúncias e as lutas dos territórios, bem como os anúncios das alternativas que estão sendo semeadas; e b) a articulação entre diversos atores, num processo de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, fortalecendo a rede de agroecologia do estado.

Refletindo a partir da matriz de sistematização

Olhando para o nosso rio do tempo, para as nossas ações enquanto NIA-UFRRJ e enquanto AARJ, assim como, ao mesmo tempo, dialogando com a Matriz de Sistematização de Experiências, proposta pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA, 2016), pudemos identificar três eixos que são bem fortalecidos na nossa prática cotidiana, a saber: os processos educativos, a articulação entre equipes, parcerias e atores e, ainda que de forma mais tímida, a luta por políticas públicas para a agroecologia. A Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro reflete bem como esses eixos orientam o nosso caminhar e nos conduzem por esse rio de histórias.

O olhar atento para cada um desses eixos foi um processo iniciado, ainda, na oficina de Sistematização do NIA-UFRRJ, na qual as(os) participantes puderam desmembrar a Matriz, buscando responder às questões de cada um dos eixos a partir do cruzamento com as questões transversais que perpassam todas as ações do Núcleo e, de igual maneira, também perpassaram pela dinâmica da Caravana RJ, dentre as quais, destacamos: ações e práticas; comunicação; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; cultura; territórios e os resultados; além de avaliações e impactos. Apresentamos, a seguir, as reflexões sobre cada um desses eixos, a partir do processo de construção, realização e desdobramentos da experiência narrada.

a. Processos Educativos

Cada etapa de construção da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro se configura como um processo educativo. Para falar sobre esses processos, bem como a forma como eles nortearam a realização da experiência, vale antes recorrer a Paulo Freire para amparar nosso conceito sobre a apropriação do conhecimento. Para Freire (1987):

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas (FREIRE, 1987, p. 28).

Corroborando com as ideias de Freire (1987) admitimos que o conhecimento não seja apenas o mero dado, objetivo, materializado, mas, sim, são estes dados somados à interpretação que os sujeitos envolvidos no processo dão a ele. É na explicação da realidade vivida que os sujeitos explicitam a sua visão de mundo e as bases de sua interpretação. Nesse sentido, para além de uma pedagogia ou método, o pensamento freireano concebe, ao ser humano, ir se construindo historicamente, ao mesmo tempo em que transforma o mundo onde vive.

O conhecimento não é algo pertencente exclusivamente aos sujeitos, nem ao meio, o conhecimento é apreendido na interação de um com o outro. Para Piaget (2003) essa é a essência da construção do conhecimento: “É na medida que o sujeito interage (e, portanto, age e sofre ação do objeto) que vai produzindo sua capacidade de conhecer e vai produzindo também o próprio conhecimento, descobrir nova forma para significar algo” (PIAGET, 2003, p. 8).

Cada sujeito elabora seus saberes, num processo de troca com o meio e de interação com processos vivenciados e significativos.

Essas referências teóricas nos ajudam a pensar nos processos educativos envoltos pela Caravana RJ. Em relação às ações e práticas, o planejamento, as trocas de experiências, os ambientes de interações agroecológica, as instalações pedagógicas e toda a articulação e esforço para a construção coletiva, são alguns exemplos em que esse eixo da matriz se evidenciou. A construção do conhecimento agroecológico, a partir da escuta, do respeito, do cuidado, da solidariedade e da partilha como sendo os

princípios que nortearam a experiência, também merecem destaque, como parte dos processos educativos.

Esses elementos ajudam a explicar por que a Caravana Agroecológica e Cultural do RJ pode ser um caminho de construção do conhecimento, uma vez que se trata de uma ferramenta que reconhece, mobiliza e acolhe múltiplas formas de geração de conhecimento, articulados em diferentes espaços e propostas metodológicas participativas.

b. Equipes, atores e parcerias

A Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro foi um processo coletivo do início ao fim. A concretização dessa experiência só foi possível porque ela foi amparada por muitas mãos. Em cada etapa, em cada território, em cada atividade pensada, muitos foram os sujeitos envolvidos. As redes agroecológicas – enquanto fluxos de comunicação concreta – lançam mão de metodologias que promovem o intercâmbio de experiências, a (re)organização dos desenhos produtivos e arranjos institucionais e são, por meio dessa interação, replicadas, fortalecidas e ampliadas. Nesse sentido, as redes são entendidas como espaço de conectividade, eficazes na articulação dos diferentes saberes e nas reflexões sobre a realidade.

A partir disso, olhamos para a articulação entre os atores, as equipes e os parceiros na narrativa da Caravana RJ, amparando-nos em Schmitt (2011), que considera a atuação das redes como caminhos para o desenvolvimento:

As redes mobilizando as relações, recursos e significados, propiciam a interconexão entre diferentes mundos e formas de conhecimento, transcendendo domínios institucionais específicos e interligando uma grande diversidade de arenas. É na confluência entre essas múltiplas realidades, e através de processos de luta, negociação e acomodação, em diferentes campos de batalha, que se constrói o desenvolvimento (SCHMITT, 2011, p. 92).

A Caravana RJ foi realizada pelo NIA-UFRRJ, pela iniciativa do Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, em parceria com Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a AARJ, a ABA - Agroecologia, a UFRRJ, a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e a Embrapa Agrobiologia.

Diversas instituições, organizações governamentais e não-governamentais, movimentos sociais e outros representantes da Sociedade Civil participaram diretamente desta construção. Dentre as quais, listamos o Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Pastoral da Juventude Rural (PJR); mediadores de ATER da Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável (CEDRO), do Centro Tiê de Agroecologia, da Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu e da Emater Campos dos Goytacazes, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – por meio do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, além de outros parceiros, como a Escola da Mata Atlântica, a Associação Mico Leão Dourado (AMLD), a Associação Agroecológica de Teresópolis (AAT), a APA Estadual Macaé de Cima, Feira Agroecológica de Teresópolis, Sobrado Cultural, Orgânicos Serra Mar, Casa dos Saberes, Projovem Campo Saberes da Terra Goitacá, Agrocrioulo (UENF), Coletivo de Mulheres Regina Pinho, Feirinha Agroecológica da Enseada das Gaivotas, o Grupo de Trabalho Saúde do Trabalhador de Casimiro de Abreu e a Associação dos Produtores Agroecológicos da Serra Mar (APASMAR).

Se somam a esse processo, a forte contribuição dos(as) estudantes bolsistas do Projeto Comboio, bem como integrantes do Mutirão de Agricultura Ecológica (MAE-UFF) e do Grupo de Agricultura Ecológica (GAE-UFRRJ). Foram fundamentais, de igual maneira, a parceria com o Colégio Estadual de Casimiro de Abreu, sede da etapa de culminância do evento, bem como com os atores e associações das comunidades rurais locais por onde as caravaneiras e os caravaneiros passaram.

Sobre a importância dessa articulação, Viviane Ramiro, assentada da Reforma Agrária no Assentamento Zumbi dos Palmares, Região Norte do estado, e militante da Comissão Pastoral da Terra (CPT) afirma que:

A caravana foi um momento de (re)aproximação e diálogos com alguns atores e organizações que apoiam a bandeira da agroecologia (no âmbito do ensino, extensão, assistência técnica, entre outros). O que ficou desse movimento é a certeza de que é preciso fortalecer essa rede no estado. (...) talvez esse tenha sido um dos principais impactos para os agricultores, grupos e organizações que dialogaram no sentido de construir uma agenda comum (Viviane Ramiro, assentada, militante da CPT, Região Norte do RJ, 2017).

Contudo, Viviane não deixa de mencionar que os desafios para a manutenção dessa rede ainda são inúmeros. Segundo ela, “nesse momento, identificamos alguns retrocessos, com relação à desarticulação de grupos e experiências de transição agroecológicas, que foram mapeadas pela AARJ, em 2009, que já não existem mais ou se desdobraram em outras metodologias”. Nesse sentido, o desafio colocado é sempre procurar identificar “quem são os nossos parceiros e que passos podemos dar juntos”, como disse Viviane (CPT).

c. Políticas Públicas

A importância das políticas públicas nos processos que envolvem participação social e desenvolvimento dos territórios é inquestionável. As ações do Estado, quando bem implementadas, contribuem para abrandar as necessidades e atender às especificidades dos diferentes contextos sociais, melhorando o padrão de vida das pessoas e promovendo o desenvolvimento local. No caso do Rio de Janeiro, apesar da invisibilidade da agricultura e da agroecologia para os gestores, é preciso reconhecer que alguns avanços significativos vêm acontecendo pelo acesso dos atores dos diferentes territórios a determinadas políticas e programas. Dentre os quais, destacamos o acesso ao Programa Nacional de Aquisição de Alimento (PAA), ao Programa de Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e ao Sistema Participativo de Garantia (SPG).

Contudo, ainda há um grande desafio de diálogo com a gestão pública estadual, o que impossibilita alavancar no processo de fortalecimento da agricultura familiar e agroecologia. Hoje, o que tem por parte do Governo Estadual é disperso e está inserido no Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável em Microbacias Hidrográficas do Estado do Rio de Janeiro – RIO RURAL. O que percebemos, é que os avanços são mais alcançados e dinamizados pelos grupos e entidades da Sociedade Civil.

Sobre a influência da Caravana Agroecológica e Cultural do RJ nas políticas públicas, Alexandre Gollo, bolsista do NIA-UFRRJ e comissão organizadora da Caravana RJ, comenta que:

A Caravana agroecológica fortalece a experiência das pessoas, dá visibilidade às suas conexões em redes e, com isso, visibilidade às pautas para apoio pelas instituições que concebem, promovem e executam as políticas públicas. É preciso saber distinguir o que é interesse privado, do que é interesse público. As Caravanas agroecológicas nos apresentam inúmeros serviços de política pública não-estatal. E isso merece ter mais respeito e reconhecimento pelos formuladores e gestores das políticas públicas (Alexandre Gollo, NIA-UFRRJ, região Serra Mar do RJ, 2016).

Nosso rio do tempo, também, revela a importância das políticas públicas para a agroecologia no RJ. Os períodos de cheias, aqueles momentos em que nosso rio mais se enche de histórias, estão vinculados ao acesso e/ou luta por políticas públicas. Dessa maneira, não podemos deixar de pontuar

como ações do Estado, diretamente vinculado à construção da Caravana RJ, as políticas públicas de fomento aos Núcleos que se destacam como instrumento de potencialização de redes sociotécnicas para a agroecologia. Sobretudo, as diretrizes apontadas pelos Planos Nacionais de Extensão, de Agroecologia e Produção Orgânica, de Assistência Técnica e Extensão Rural e da aprovação dos Editais Nº 46/2012 MCTI/ MEC/ MAPA/ CNPq, Nº 81/2013 MCTI/ MAPA/ MDA/ MEC/ MPA/ CNPq e Nº 38 MDA/ CNPq/ 2014.

É neste contexto de acesso a políticas públicas que as ações se tornam mais possíveis. Contudo, nosso rio do tempo indica, também, que a falta de políticas públicas e o não reconhecimento do Estado às demandas populares, sobretudo, na atual conjuntura, não podem ser um limitante para a Rede. Nosso rio do tempo nos dá pistas de que a resiliência e a organização são ferramentas-chave para a manutenção da Rede. O acesso a políticas públicas é um direito dos territórios, mas não é um determinante para a existência e organização das redes de agroecologia.

Lições apreendidas

Trataremos aqui das lições apreendidas no sentido de que os aprendizados que ficam com a realização da Caravana Agroecológica do RJ e mesmo com este processo de sistematização, só podem ser transformados em ações e práticas, se elas tiverem sido verdadeiramente apropriadas pelos sujeitos, ou, como diz Freire (1987), se elas tiverem sido verdadeiramente apreendidas. Neste sentido, destaca-se o envolvimento das comunidades que alimentou o processo de organização local e, também, possibilitou a integração entre os participantes, que ao vivenciarem as experiências foram inseridos numa rede agroecológica para o desenvolvimento de outras atividades no estado.

A partir do processo de escuta para elaboração dessa sistematização, identificamos que alguns dos eixos transversais da Matriz de Sistematização (ABA, 2016) foram, também, os afluentes que ajudaram a manter o curso do nosso rio, os quais nos deixam muitas lições e, ao mesmo tempo, nos levam a refletir sobre os desafios. A seguir, falaremos acerca desses afluentes e sua significância para a Caravana RJ, para o NIA-UFRRJ e para a agroecologia do Rio de Janeiro.

a. Caminhos do Rio: a valorização dos territórios

Viver no estado mais urbano do Brasil, onde quase 97% da população mora em áreas consideradas urbanizadas, segundo o último censo do IBGE (2010), causa alguns impactos na relação das pessoas com seus territórios. Neste contexto os agricultores, agricultoras, povos de comunidades tradicionais no Rio de Janeiro, por vezes, passam como atores invisibilizados. Diante disso, uma das lições apreendidas pela experiência aqui narrada, é o resgate e a valorização dos territórios como espaços de produção de conhecimento e de pulsação da vida.

O processo de realização da Caravana RJ contribuiu para esse olhar cuidadoso e atento do território fluminense. Para Alcimaro Martins, militante da CPT e assentado da Reforma Agrária no Assentamento Zumbi dos Palmares, Região Norte do estado, a atuação dos Núcleos é muito importante. Segundo ele:

A importância dos Núcleos nos territórios é fundamental, porque ajuda nessa compreensão desse território e contribui com esse próprio cuidado e olhar para esse território. Acho que a experiência do Comboio Agroecológico pra nós, sobretudo, lá na Região Norte, foi fundamental pra gente se aproximar, para que outras pessoas também conhecessem nossos territórios e isso dá visibilidade à luta. Por exemplo, lá nós temos famílias, agricultores familiares, que estão sendo expulsos de suas terras para a construção de uma obra de grande impacto social e econômico pra região, expulsando camponeses no Distrito de São João da Barra. Essa é a luta dos camponeses contra esses megaprojetos que é o Porto do Açú, uma obra que expropria

os camponeses. Então, o Comboio Agroecológico que chegou no nosso território através da atuação nos Núcleos, no caso do NIA-UFRRJ, contribuiu muito para dar visibilidade à luta desses camponeses, desse lugar tão distante. Então, assim, pra gente é fundamental a presença dos Núcleos nos territórios (Alcimaro Martins, assentado, CPT, Região Norte do RJ, 2016).

A promoção da agroecologia nos territórios também vem ao encontro das estratégias das comunidades tradicionais das regiões – os caiçaras, quilombolas e indígenas guaranis – no fortalecimento dos seus territórios tradicionais, na perspectiva do casamento dos conhecimentos tradicionais e as possibilidades que a agroecologia apresenta de produção de alimento sem veneno, manejo da agrobiodiversidade, do conhecimento associado ao manejo das matas, entre outros. Numa lógica que contrapõe o mito da natureza intocável.

Ao refletir sobre a importância da agroecologia para os territórios, Fábio Reis, do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), na Região Costa Verde do estado, comenta que:

A agroecologia apresenta alternativas para a permanência das comunidades tradicionais, dos povos dos territórios, com dignidade, mantendo as suas tradições culturais. Com o uso dos recursos naturais de forma racional e garantindo esses territórios para as plenitudes das atuais gerações, assim como projetando as possibilidades de permanência das futuras gerações nos seus territórios de cultivo da vida (Fábio Reis, OTSS, Região Costa Verde, 2017).

A valorização dos diferentes territórios e de sua gente, bem como de suas expressões culturais – sejam por intermédio da dança, da comida, da produção, e outros – são um dos maiores legados da Caravana RJ. Por meio dessa viagem em caravana pelos caminhos do Rio, foi possível ver que a agroecologia está, sim, presente em todos os cantos do estado. Assim, a luta pela terra, que começa pelo romper das cercas, também encontra a defesa da dignidade dos territórios como direito. Nessa diversidade de expressões e práticas, a Caravana RJ aproximou pessoas, fortaleceu as organizações, garantiu intercâmbios e deu visibilidade à luta pelos territórios.

b. Comunicar e escutar: todas as vozes foram ouvidas

A comunicação teve relevância ímpar em todas as etapas de construção da Caravana RJ, sendo considerada parte da estratégia para a transformação social. Partindo da premissa que a agroecologia é uma ferramenta importante para superar a colonização da agricultura, isso perpassa pela necessidade de anunciar o novo projeto, as novas relações e valores. Uma das lições apreendidas em relação à comunicação, é de que todas as vozes devem ser ouvidas. Todo mundo tem algo para ensinar e algo para aprender.

Dessa maneira, além da defesa do território, a Caravana RJ também se empenhou na defesa por uma comunicação livre, popular e enraizada nos costumes e práticas dos povos. O primeiro ponto da comunicação para o processo de construção da Caravana RJ, foi dar visibilidade ao que a grande mídia – corporativa e burguesa – não dá, tanto em relação às agendas positivas, quanto às agendas de luta pela permanência nos territórios e o direito das comunidades tradicionais, bem como agricultoras e agricultores familiares.

A partilha de conhecimentos, de sementes, de mudas, de sabores e de alegrias, também foi ferramenta de comunicação compartilhada durante a Caravana RJ. Por meio desse comunicar e escutar atentos, a Caravana RJ pôde mostrar que a luta é a mesma em todos os cantos e que juntos somos mais fortes. Os processos pedagógicos, também, são parte dessa metodologia de comunicação popular, sejam as rodas de conversas, as instalações artístico-pedagógicas, a feira agroecológica na praça, o

almoço agroecológico como forma de diálogo com a sociedade e afins. A comunicação tem um papel importante nesse “comunicar”, pela música, pela poesia, por meio das místicas e das alegrias.

Ao falar sobre a importância da comunicação para a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, Eduardo Di Napoli, comunicador popular, integrante do Coletivo de Comunicação Mídia Crioula e do Fórum de Comunidades Tradicionais, da região Costa Verde do estado, comenta que:

Essa comunicação, que é uma comunicação popular e horizontal, traz outros elementos que saem da caixa da comunicação convencional – que é a fotografia, o vídeo, a internet, etc. – traz a mística, traz o rádio-poste, traz as rodas de diálogos, traz a horizontalidade no diálogo e a escuta de todas as vozes. Isso deu uma animada, isso deu uma agitada. Para os agricultores foi um processo inovador, porque quando falamos de comunicação, muitos agricultores ainda assistem a Rede Globo, ficam o dia inteiro ali com aquela anteninha ligada. E, essa comunicação [popular] traz essas ferramentas diferentes como a roda de diálogo, a prosa, a mística, o teatro, etc. que são ferramentas que fazem diferença na hora de comunicar. Essa forma que está sendo comunicada popularmente traz um novo sentido para a comunicação e pro entendimento dos processos que estão sendo construídos (sic) (Eduardo Di Napoli, Coletivo Mídia Crioula/ Fórum de Comunidades Tradicionais, região Costa Verde do RJ, 2017).

A comunicação da Caravana RJ, nessa perspectiva, foi concebida como instrumento para uma educação popular, como alimentadores de um processo educativo transformador.

c. Cultura e comida: os saberes e sabores dos territórios fluminenses

Em geral, constrói-se socialmente a ideia de que a cultura corresponde apenas às atividades artísticas, relacionadas à tradição musical, com o teatro, pintura, e outros. Contudo, a questão da cultura é muito mais abrangente, está relacionada com todas as atividades do cotidiano e, nessa perspectiva, diz respeito aos nossos hábitos, nossos costumes, nossas tradições e inovações.

Nesse sentido, todos os momentos da Caravana RJ tiveram como eixo transversal a cultura, que se expressou de diversas maneiras, seja pelo teatro, capoeira, músicas, poesias, místicas, animação e pelas próprias noites culturais que ocorreram, com apresentações musicais da região, desta forma, buscando valorizar a cultura regional e popular. Ademais, a valorização da cultura foi percebida no gosto da comida, nas formas de cozinhar, nos temperos usados, entre outros. Uma atividade, em particular, merece destaque em relação a isso, trata-se do almoço agroecológico, realizado como atividade de encerramento na Praça Central de Casimiro de Abreu-RJ, onde ocorreu a culminância da Caravana RJ.

Por meio da comida, quais valores foram comunicados? A denúncia dos territórios por onde passou a Caravana e também na culminância em Casimiro de Abreu (com os desafios de rearticulação da agroecologia da Região Serra Mar [AASM], os altos índices de uso e contaminação por agrotóxicos, e outros) foram simbolicamente transmutados em caminhos possíveis de produção da vida pelo ato de alimentar-se. Os muitos elementos do almoço agroecológico, que ocorreu no dia 28 de novembro de 2015, estavam repletos de simbologia. Desde a escolha do cardápio – galinhada, cozido, feijão tropeiro, feijoada e saladas (CABRAL, 2016) – cuidadosamente selecionado de acordo com a tradição das festas locais frequentadas pelos agricultores (GOLLO et al., 2016), até a procedência dos alimentos.

Assim, reveste-se de especial significado, o fato de que o arroz servido no almoço, era o arroz do Eveli, agricultor do Assentamento Sebastião Lan 2, cujas terras, no passado, foram classificadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e pela Embrapa, como impróprias para a agricultura (GOLLO et al., 2016). As verduras vieram dos agricultores agroecológicos de Teresópolis; frutas, abóbora e galinhas caipira, dos assentados de Zumbi dos Palmares em Campos dos Goytacazes,

além de doações dos militantes pela agroecologia e de agricultores de Casimiro de Abreu e Silva Jardim, tais como: palmito, bolos, pó de café (GOLLO et al., 2016).

Ademais, tivemos a ocupação da praça pelo povo, remetendo aos princípios de luta, participação e os ideais de fartura, partilha, reciprocidade e hospitalidade no ato de ofertar o alimento. Ainda que as refeições tivessem o preço módico de R\$5,00 para cobrir parte dos custos do evento, não perderam o caráter solidário de estímulo ao sistema agroalimentar e à cultura local.

Ao falar sobre o alimento, Antônio Cândido (1971) destaca:

É sempre acentuada sua importância como fulcro de sociabilidade – não apenas da que se organiza em torno dele (sistemas de trabalho, distribuição, etc.) mas daquelas em que ele aparece como expressão tangível dos atos e das intenções (ágapes, ofertas, etc.). Hoje quando oferecemos café às visitas ou damos um almoço de aniversário, prolongamos de certa forma práticas imemoriais, em que a ingestão de alimentos obtidos com esforço, e irregularmente, trazia uma poderosa carga afetiva, facilmente transformada em manifestações simbólicas (CÂNDIDO, 1971, p. 36).

A Caravana RJ lançou mão da comida como meio de comunicação e aproximação, valorização dos agricultores e suas práticas culinárias, seus saberes e modos de vida. À medida que a cultura torna possível esse pensar, agir e sentir, ela constitui-se como práxis. Ou seja, ela se manifesta, se transforma e se aperfeiçoa nas relações territoriais. Trata-se, portanto, de uma ferramenta de construção da existência social.

Considerações finais

Partimos do princípio que nosso papel, enquanto Núcleo, é o de gerar movimento com enraizamento. Assim, vamos ancorando nosso barco no tempo presente e planejando os novos caminhos. A Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, realizada entre os dias 24 a 28 de novembro de 2017, impulsionou e movimentou as regiões, fortaleceu a agroecologia no estado, mas, mais do que isso, provocou encantamentos. A Caravana foi cachoeira no nosso rio, fluxo intenso de água que nos banha e nos envolve até hoje.

Voltar a olhar para esta experiência, mesmo dois anos depois dela ter ocorrido, nos fez resgatar algumas lembranças sobre formas de construção, de solidariedade e de resiliência. Toledo e Barrera-Bassols (2015) dizem que a memória nos permite lembrar dos eventos passados, ajuda a compreender o presente e fornece elementos para o planejamento do futuro. Isso faz muito sentido para nós. A sistematização do NIA-UFRRJ provocou nossa memória e nos fez perceber que o Rio de Janeiro é um rio de histórias.

Muitos ainda são os desafios. É preciso incidir sobre as denúncias feitas, pressionar para a elaboração de políticas públicas que atendam a realidade dos agricultores no estado, resistir aos conflitos socioambientais e ao golpe institucional que se instalou em 2016. Contudo, (re)conectar as histórias e sistematizar esse processo tão importante que foi a Caravana RJ contribuiu mais uma vez para o nosso fortalecimento. Das lições apreendidas nesse processo, a mais importante delas é a certeza de que, mesmo nos períodos de seca, a agroecologia continua se apresentando como alternativa viável de produção e de vida.

Agradecimentos

Agradecemos às agricultoras e agricultores, aos povos das comunidades tradicionais, às/aos representantes de grupos, associações, instituições e movimentos sociais, e a todos os sujeitos que

dispuseram de seu tempo para construirmos juntos esse processo de sistematização e de trocas, os quais alimentam cotidianamente nosso rio de histórias e de resistência em defesa da agroecologia.

Agradecemos, também, ao CNPq pelo apoio no financiamento do nosso Núcleo e da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro.

Referências

- ABA. Associação Brasileira de Agroecologia. **Matriz de Sistematização de Experiências**. 2016. Disponível em <http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/projetos-e-acoas/matriz-de-sistematizacao-das-experiencias/>. Acesso em: 01 ago. 2017.
- CABRAL, L. A. S. **A Caravana Agroecológica e Cultural do RJ como Estratégia de Construção do Conhecimento Agroecológico**. Trabalho de Conclusão de curso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- CABRAL, L. A. S.; AMÂNCIO, C. O. G. Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro: processos educativos e diálogo de saberes. In: Revista Cadernos de Agroecologia. **Anais do II SNEA**, Vol. 12, Nº 1, Jul. 2017. Disponível em: <http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/22330/12790>. Acesso em: 01 ago. 2017.
- CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. - 3. Ed. Ver. e ampl. - 15. Reimpr. - São Paulo: Atlas, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra (17ª ed.), 1987.
- GOLLO, A. et al. **Por que saber se alimentar é um ato político? O Almoço agroecológico em Casimiro de Abreu – RJ**. Release AARJ. Rio de Janeiro, 2016.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 06 jul. 2017.
- JARA, H. O. **A sistematização de experiências: prática e teoria para outros mundos possíveis**. 1 ed. Brasília, DF: CONTAG, 2012.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, pp. 25-44, 1986.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24 ed. Rio de Janeiro. Forence Universitária, 2003.
- ROCHA, M. T. **Contribuições da Agroecologia para a Transição Paradigmática: o Caso da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro**. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- SCHMITT, C. J. Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. In: **Dossiê Sociologias**. Porto Alegre, ano 13, nº 27, p. 82-112, mai./ ago. 2011.
- TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.